

# Todo o pensamento é uma forma de literatura

Fátima Faria Roque - IELT

[fatima.fariaroque@gmail.com](mailto:fatima.fariaroque@gmail.com)

obra

## Resumo

Todo o pensamento é uma forma de literatura. A frase retoma, repete, uma outra, «Toda a arte é uma forma de literatura», proferida por João Fernandes, do Museu Rainha Sofia. E este retomar não mais será do que um caminho reflexivo em torno desse diálogo que o pensamento tece e que cria, que interrompe e gera, outros significados para a vida. Sinal primeiro e essencial ao acto de viver e à condição de ser, o pensamento – enquanto sintoma de vida, aquilo que me faz sentir a minha existência e a do outro – é sempre da ordem da interrupção e do relacional. Nele convivem e coabitam os outros e a substância do que poderá ser a palavra que os define. Sejam esses outros, música, poesia, pintura, ou, tão só, o sentir.

Palavras-chave: pensamento, literatura, artes; descontinuidade, fragmento; o novo, o mundo; interrogar e perturbar; recontextualizar.

## Ponto prévio: a alegria da encruzilhada

Partimos de uma convocação, ou talvez de um apelo, sentido na frase «Toda a arte é uma forma de literatura», proferida por João Fernandes, sub-Director do Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, em Madrid. Conhecemos o contexto na origem da afirmação<sup>1</sup>, mas não será esse o caminho desta reflexão.

---

<sup>1</sup> João Fernandes em declarações à imprensa, a propósito da Exposição com o mesmo título e por si comissariada (num trabalho conjunto com Ana Ara), que esteve patente no Museu Rainha Sofia, em Madrid, entre Fevereiro e Maio de 2018. Da autoria de Fernando Pessoa (mais propriamente de um dos seus heterónimos, Álvaro de Campos, em 1936, na *Presença*), a frase completa diz-nos que: “Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa.”

O que aqui tentaremos será antes uma suspensão desta frase, para melhor a dobrarmos e desdobrarmos, confrontando-a na sua provocação e permitindo (desejando mesmo) que ela nos transforme tanto quanto a sua clareza nos impôs já o desafio da errância e da invenção.

Apoderámo-nos então da frase «Toda a arte é uma forma de literatura», para tão logo a desmembrarmos e dela fazermos outra, que não será mais do que a mesma: dizemos que *todo o pensamento é uma forma de literatura* e sentimos a encruzilhada e o paradoxo aproximarem-se, fazerem-se amigos e herança, libertarem espaço e tempo, num intervalo necessário a que o pensamento se dobre e interrompa o instituído. Temos agora, nesta dobra formada artificialmente, mas que sentimos viva e vibrante, todos os sentidos possíveis, a começar no vinco que machuca e resguarda – que apazigua também porque protege o que queremos manter à margem da fuga, num lugar zelosamente criado –, e que se esvai depois na amplitude desse território que dele parte até às margens e que não termina, tão só se dissemina na vastidão da possibilidade que é, afinal, a vida.

Assumimos a encruzilhada, armazenamos no vinco voluntariamente criado a condição frágil do nosso estar no mundo e arriscamos os primeiros passos, tímidos e cautelosos, por essa superfície estranha, alva, plana e pontiaguda, irreal, mas necessária à incerteza do caminho. No fundo, no aconchego dessa dobra imaginária, decidimos manter e proteger o conteúdo acumulado de uma existência, na esperança de que, ao regressarmos, seja possível, pelo acto de o desvincarmos, ou melhor, de o desvincularmos de um Outro que fomos antes desta travessia, o podermos perder, libertar e, assim, mesmo que transitoriamente, importar, para esse traço que havemos de formar, um acto criativo e libertador, a atitude crítica e interrogativa dos que não se contentam com o manso e violento fluir dos dias.

### **Primeira paragem – inquietude**

Acreditar que *todo o pensamento é uma forma de literatura* impõe-nos uma responsabilidade e um risco, isto é, um perigo de nos vermos confrontados com zonas obscuras e íngremes, vias tortuosas que podem impelir à tentação da justificação, da resposta, à criação de outras tantas dobras, das quais seria já impossível sair. Não. A nossa perspectiva será a de quem se força a escolher um

rumo, ainda desconhecendo de que cor pintar o quadro, ou sequer se o pintará, sabendo apenas da inquietude provocada por um conjunto de palavras e da alegria por elas já gerada, num palpitar que adivinha e prenuncia o novo.

O acaso do encontro com a afirmação de João Fernandes e a sua transfiguração na frase-problema que nos serve de veículo a este ensaio não conduzirá, certamente, a qualquer encerramento de sentido. O que nos preocupa e guia é, precisamente, essa capacidade que as palavras detêm de fomentar narrativas, que o mesmo será dizer ficções, e que são as histórias assim criadas que potenciam o nascimento de outras e promovem o relacionamento e confronto com o Outro, numa viagem que não tem destino, mas na qual os significados se vão corrompendo e reestruturando, alimentando desse modo o “fazer arte”, que será sempre um processo, um meio portanto, de abrir ao Outro a possibilidade de interrogação ou, pelo menos, o espanto de quem se vê, talvez até pela primeira vez, catapultado para um momento de questionamento do mundo e de si mesmo. Dizer-se que *toda a arte é uma forma de literatura* será quase o mesmo que dizermos que *todo o pensamento é uma forma de literatura*, uma vez que a equação por nós formada – pensamento/arte/literatura – não só perde a sua eficácia se isolarmos os termos que a compõem, como apenas vive, isto é, apenas produz um resultado, se for feliz o suficiente na mistura devida dos seus componentes.

Inquietos, prosseguimos.

### **Segunda paragem - o “mundo”**

Esse imenso território que nos aguarda ao primeiro sopro de vida é o mesmo que aguarda de nós, no tempo que nos for dado até à última expiração, uma atitude. A cada um de nós se oferece um mundo já construído e arrumado, de formas claras e aparentemente tranquilizadoras, capazes bastante para uma qualquer existência sem outros sobressaltos que os oriundos do quotidiano.

Não esqueçamos, porém, que esta é a nossa segunda paragem, A primeira foi a da “inquietude”. Foi nesse estado que prosseguimos, é nessa condição que pretendemos desdobrar este mundo. Tarefa ingrata, que requer a suspensão de uma corrente voraz de mensagens, imagens, conceitos, palavras atropeladas e já mortas, cores e sons incessantes, ruídos permanentes e indiferentes à vontade singular. Desligar, desacelerar, romper esta torrente, questionar, pensar,

libertar a palavra, capacitando assim o ser para um olhar novo, um olhar que é mais do que ver, é um “reparar”, preparando desse modo o molde da pedra para uma estátua em perpétuo processo de criação, porque disso depende a sua relação com o Outro, com o mundo e com a vida.

Tal é o processo da arte, seja ela plástica ou gráfica, pintura, fotografia, desenho, cinema, escultura, literatura. Tal é a acção do pensamento. Ou, nas palavras de Enrique Vila-Matas, «a demonstração de que as frases que não entendemos podem ajudar-nos muito mais do que as que entendemos perfeitamente.» (Vila-Matas, 2011, p. 36).

### **Terceira paragem - arte e literatura**

Entendemos que, qualquer que seja a arte, o que lhe está subjacente é a busca de um sentido. Repare-se que dizemos “sentido” e não significado. Os significados encerram conceitos e estes encerram-nos a nós numa qualquer caixa de mera contemplação e aceitação. Já a busca de um sentido impera quando se traz para um presente tudo quanto já foi (e tudo já foi), interrogando o Outro com um “poderia ter sido de outro modo?” O sentido que a arte busca será sempre, em derradeira instância, o sentido da vida, mas muito há a suspender e interrogar antes dessa derradeira instância, ou talvez o verdadeiro sentido da vida seja conferido pela busca do seu sentido.

A base fundacional da escrita de um romance ou da criação de um projecto artístico reside, disso estamos certos, na dúvida e incerteza do seu autor, dúvida e incerteza que lhe permitem avançar e, assim, nesse processo, criar e apresentar perante a audiência, que é o mundo, o seu percurso de questionamento. A arte é uma resposta possível ao mundo, mas uma resposta que não quer ser aceite, que não se revê enquanto dogma. A arte dobra o mundo, para o apresentar maculado, ferido, carregado de passado e incapaz de sarar as suas epidemias endémicas. A arte são tantas palavras, tanta poesia, tanto fragmento e estilhaço.

Porque nenhuma viagem tem início num ponto zero e porque saímos já da encruzilhada, é este o momento de abriremos portas a um conjunto de amigos aos quais atribuímos e agradecemos a responsabilidade pelo estado de inquietude que nos invade ao reflectirmos sobre arte, literatura e vida. Uns deram-se a conhecer através da palavra escrita em livro, outros foram por nós

procurados a determinada altura, qual porto de abrigo para as incertezas provocadas, precisamente, pelas palavras dos primeiros, e outros ainda se apresentaram, certo dia, numa qualquer sala de museu, desencadeando a possibilidade da descoberta de um relacionamento intertextual entre artes plásticas e literatura, por sua vez transformador deste sujeito de escrita que ousa planear um jogo de tabuleiro no qual se instala como observador do seu próprio pensamento e do pensamento dos outros, ainda que, tal acção, por frágil e efémera, seja da natureza do transitório e errante. Para mais quando se impôs a ausência de regras neste jogo, ou melhor, uma única regra é aqui aceite: a das vozes que se deseja constituam estímulo e rampa, cadeia ininterrupta para uma crítica e reflexão acerca do que motiva e possibilita o pensamento criativo e qual o seu efeito sobre o homem e o seu estar no mundo, a sua vida.

#### **Quarta paragem - (re)visitar obras de velhos amigos**

- Pourquoi ce nom? Et est-ce bien un nom?

- Ce serait une figure?

- Alors une figure qui ne figure que ce nom.

(Maurice Blanchot, 1969, p. 581)

No livro *Manual de Pintura e Caligrafia*, de José Saramago, H. interroga-se quanto às suas qualidades de pintor e de escritor, incapaz de decidir qual o melhor meio de expressão, dir-se-ia mesmo de revelação exterior, da angústia que o sufoca no seu desejo de se comunicar ao mundo. Aprisionado entre dois retratos de S., encomendados e já iniciados uma e outra vez, tantas como aquelas em que os abandonou, crivado de dúvidas e incertezas, e uma resma de papel que o intimida tanto quanto a tela, H. trava uma luta individual pelo conhecimento de si e por uma “verdade” que pretende transmitir, pela pincelada ou pela escrita, não descortinando como, mas percebendo, afinal, que «Tudo, provavelmente, são ficções...», para concluir que «as diferenças não são muitas entre palavras que às vezes são tintas, e as tintas que não conseguem resistir ao desejo de quererem ser palavras.» (Saramago, 1983, p. 131).

Será então no “tom”, da pintura ou do verbo, e no traço de cor, de uma pincelada ou de um substantivo, que a realidade melhor se retrata porque transformada em ficção, isto é, naquilo que, fixado na tela ou na folha de papel,

é imutável e define um tempo e uma acção. Pouco importa, ao pintor como ao escritor, no final deste exercício-viagem, a sua impotência em relação à “verdade”, esse impuro inexistente, antes o percurso, tantas vezes deceptivo, disruptor, que o conduziu à interrogação, à relação, à intertextualidade com um mundo que só pode ser revelado quando perturbado (ou mesmo deformado) por uma qualquer ficção. No caso de H., o apaziguamento chega com a observação e com o conhecimento que lhe proporciona uma viagem a Itália, aos seus museus (esses lugares onde vida e arte se cruzam) e monumentos, prenhes de vozes do passado, de histórias que o olhar do personagem lhes empresta, recriando desse modo um tempo que não é o seu e gerando narrativas e possibilidades outras para o contexto de produção de várias obras de arte que sente consigo dialogarem e, mais do que isso, obrigarem a um questionamento do seu lugar no mundo.

Poderemos, talvez, ajudar H., se pensarmos que, o traço de um desenho, a cor de uma pincelada, o tom de uma palavra, são elementos de uma mesma motivação do ser, a do “fazer arte” reunindo pedaços de incontáveis dobras rasgadas. Porque será sempre graças à observação focada nas franjas desse rasgo que o pensamento estético nasce, trazendo o novo a uma superfície, até aí, incólume e deserta. Só numa superfície assim preenchida é possível o espanto, a ruptura e a proliferação de sentidos, como se quiséssemos sempre ver o que se encontra para lá da ombreira da porta que o artista pintou e que o escritor descreveu. Ou o «desenho de sons e pausas que se desenrola no tempo» (Borges, 2010, p. 72), nas palavras que Jorge Luís Borges ensaia para uma possível definição de música e que conduzem depois a sua reflexão para a poesia, para o pensamento e para o significado, na certeza de que se trata de um problema insolúvel.

Falamos de problema e usamos a palavra “insolúvel”. E é bom que assim o seja. Porque da insolubilidade, dessa franja que o nosso rasgo provoca, extraímos, afinal, os possíveis num pensamento sobre arte e literatura, que cruza e envolve, afinal e sempre, qualquer expressão artística. Não é, pois, o significado da obra que nos interessa ou que procuramos, mas os significados que ela motiva, o “sentir” a obra que dela emana, o prazer que nos provoca, aquilo que ela nos impõe enquanto objecto “que nos fala”. Diz Borges que «não temos que nos comprometer com um significado [...] há poemas belos e sem qualquer sentido. E no entanto, têm sempre um sentido... não para a razão, mas para a

imaginação.» (Borges, 2010, p. 67). E para a liberdade, acrescentaríamos. A liberdade de imaginarmos o que está por trás da palavra, da melodia, da estátua ou do quadro. Palavras, no início e no fim, sempre as palavras, e algo mais.

Algo mais que traduz bem a angústia de H. por ser incapaz de pintar um retrato, um retrato que revelasse, fielmente, o retratado. Mas isso seria o fim do retrato e do retratado. O que dizer de um objecto que já nada diz? Que se reduz à insignificância e limitação do literal? É por isso que H. destrói o retrato, após inúmeras tentativas de o refazer. Um rosto nada nos diz. A não ser que o artista experimente dizê-lo de outro modo, socorrendo-se da arte da escrita, da ficção, do plural em cada palavra e da (ilusória e intermitente, mas também criadora) significação plural nelas contida. «Não há satisfação em contar uma história tal como ela aconteceu. Temos que mudar coisas, mesmo pensando que são insignificantes...». (Borges, 2010, p. 94).

Um pensamento que se debruça sobre a relação entre arte e literatura é, necessária e obrigatoriamente, um pensamento da descontinuidade e do fragmento, uma linha frágil e subtil, a cada momento destorcida e enovelada, num misto de tons esfumados que não podem nunca transmitir o óbvio. O denominador comum, se assim quisermos entendê-lo, reside apenas na palavra, pois ela está presente quer no poema quer no quadro, como no olhar da estátua, ou na ária musical. Uma palavra que é, não o esqueçamos, da ordem da perturbação, do desconhecido, da provocação do sentir. Palavra que só chega ao consentirmos o esquecimento, a quase anulação do que já fomos, abrindo assim a porta à interrogação, ao que poderemos ainda ser e conhecer, à promessa que se anuncia no enigma da obra. Ou não falaremos de arte.

Pensar arte equivale então, assim o entendemos, ao estado de latência da interrogação permanente e múltipla. Uma interrogação sobre o tempo e sobre o ser no tempo. Uma interrogação a que só a arte pode imprimir sentidos, nunca respostas. Interrogar-se é já uma acção, um salto e uma determinação, um certo movimento e uma certa linguagem, que o pensador de arte transcreve depois para um objecto, objecto uno e múltiplo, que descerra e se desdobra em novas interrogações, diálogos, ambiguidades e fragmentos trazidos no silêncio da questão. Como afirma Blanchot:

Questionner, c'est faire un saut dans la question. La question est cet appel à *sauter*, qui ne se laisse pas retenir dans un *résultat*. Il faut un espace libre

pour sauter, il faut un sol ferme, il faut un pouvoir qui, à partir de l'immobilité sûre, change le mouvement en bond. C'est la liberté de questionner qui est saut à partir et hors de toute fermeté. Mais, dans la profondeur de la fuite où, questionnant, nous fuyons, il n'y a rien de sûr, rien de ferme. (Blanchot, 1969, pp. 24-25).

### **Quinta paragem - a obra que me olha**

A nossa quinta e última paragem situa-se no limite do vértice imaginário que traçámos inicialmente e que tornámos possível com a dobra, também imaginada, onde pretendemos acumular – talvez coleccionar seja o termo mais adequado – outras tantas dimensões do pensar e fazer arte, num percurso que terá sempre, em nós, a palavra “literatura” como ponto central, do qual irradiam todas as questões, olhares e perspectivas sobre o mundo e sobre a vida. Neste nosso deambular cruzámo-nos com velhos amigos, como Saramago, Borges, Vila-Matas e Blanchot, companheiros atentos deste problematizar.

O desafio que a nós próprios colocamos agora deixa-nos à beira do abismo. Chamamos para este lugar de escrita novos amigos que, através da obra que produzem, nos têm vindo a interpelar e seduzir, a convocar à nossa participação no testemunho que a sua reflexão sobre o real oferece. Uma reflexão que é um hipertexto e onde memória e palavra se confundem por vezes, outras dão origem à criação de narrativas plurais e consonantes com a herança que cada um de nós transporta no momento em que se sente olhado pelos seus projectos artísticos.

Mais do que vestirmos qualquer indumentária de crítico de arte – algo a que não nos atreveríamos – interessa-nos compreender o pensamento crítico destes artistas e a sua relação com o campo da literatura. Os exemplos são inúmeros, e este será, certamente, um trabalho a prosseguir e aprofundar. Visitemos, por ora, o projecto «Toda a Memória do Mundo», de Daniel Blaufuks, que nos foi possível conhecer quando da sua instalação, em 2014, no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, com curadoria de David Santos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para além do livro com o mesmo nome, editado pelo MNAC e Imprensa Nacional Casa da Moeda, por ocasião da exposição, é ainda possível recolher informação adicional e observar aspectos da exposição em: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/programacao/toda-a-memoria-do-mundo-parte-um>



Blaufuks regressa aqui a um tema que lhe é caro, a imagem e o arquivo, através, neste caso, de imagens do Holocausto, reunidas neste trabalho em composições aparentemente inocentes, mas exigentes no apelo que fazem a múltiplas leituras e relações, como a que o artista provoca ao fazê-las dialogar com duas obras de escritores europeus, *Austerlitz* (2001), de W. G. Sebald, e *W ou le souvenir d'enfance* (1975), de Georges Perec, assumindo desde o início que a sua escolha terá sido conduzida pela deriva de tais textos e pela possibilidade de nos perdermos neles. Não obstante, Daniel Blaufuks não nos parece perdido neste cenário, precisamente porque o seu foco – a imagem-memória – é também, por si só, mapa onde cabem todas as ligações estéticas e, com elas, todas as interrogações, «Toda a Memória do Mundo». Os textos de Sebald e Perec proporcionam-lhe pistas para um pensamento sobre a validade do poder da imagem e sobre a memória que cada imagem contém em si, como se a história por detrás de cada fotografia apenas a ela pertencesse, e ao Outro essa imagem interrogasse, não no sentido de que ele a olhe para a interpretar, mas de que nela repare para se deter no detalhe que o fará questionar-se.

Mais do que revelar contextos, o que Blaufuks parece querer dizer-nos é que, qualquer imagem pode ser recontextualizada, hoje, como no passado e, certamente, no futuro. Não é o nome da coisa retratada que importa aqui perceber, mas a construção de sentidos que ela possibilita e a sua relação com lugares, memórias, vidas. «Interessa-me» – escreve Daniel Blaufuks na folha de sala da exposição – «lidar com esse labirinto de imagens e trabalhar com elas como parte de uma cadeia de transmissão entre gerações, conhecimento que passamos para o futuro.» Em *Austerlitz*, Blaufuks lê essa memória inerente à imagem e compreende que uma fotografia

existe apenas como vórtice do mundo e do seu tempo. Ou talvez devêssemos dizer de outro mundo, exercendo esse poder da memória que contém sobre nós, que ainda podemos ver e ser, pelo menos durante um fragmento de tempo, arrebatados por ela. E quanto tempo durará esse fragmento, antes de esmorecer o fluxo da eternidade?<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> In folha de sala da Exposição «Toda a Memória do Mundo».

### **Paragem obrigatória**

Sim, paramos aqui. Tantos são os desafios que o problema de pensar a vida nos impõe, olhando-a na relação que com ela estabelece a arte estabelece, que a paragem, a desaceleração, são obrigatórias neste ponto. Paramos para melhor nos interrogarmos, paramos para respirar sobre o retrato possível e sobre os outros que queremos ainda esboçar. Porém, não sem antes desdobrarmos a nossa tela / folha de papel, para nela observarmos o risco traçado nesse vinco inicial e onde tantas rupturas se inscrevem já. Nessas inscrições, lemos agora um certo elo que conecta (mas não unifica) uma linha de pensamento, que nos satisfaz intuir junto de escritores e artistas dedicados aos diversos domínios da expressão plástica e visual, neste tempo que é nosso e que está povoado de imagens e memórias, que a arte e a literatura procuram compreender pela instauração da incerteza, pela suspensão do conceito, pela criação da brecha que acolhe e dá voz ao Outro. Ou deveríamos dizer à vida?

### **Referências bibliográficas**

- Blanchot, Maurice. *L'Entretien Infini* (1969). Paris: Éditions Gallimard.
- Borges, Jorge Luís. (2010). *Este Ofício de Poeta*, 2.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Teorema.
- Saramago, José. (1983). *Manual de Pintura e Caligrafia*, 6.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Caminho.
- Vila-Matas, Enrique. (2011). *Perder Teorias*, 1.<sup>a</sup> edição, s. l.: Teodolito.